

## ASSIM NA TERRA... COMO NO CÉU! O RACISMO NO DISCURSO RELIGIOSO

*José Benjamim Montenegro\**

**Resumo:** O objetivo desse texto é perceber laivos do racismo no discurso de cunho religioso, muitas vezes lugar pouco visitado por aqueles que pesquisam o tema. O ponto de partida é o conto “O pecado”, de autoria de Afonso Henriques de Lima Barreto. Baseado na teoria do conto e nas relações que instituem a interface história e literatura, busco flagrar na estrutura do conto em tela como o autor Lima Barreto ironicamente chama a atenção para a questão do racismo, no âmbito do discurso religioso. Discurso este um tanto quanto negligenciado pelos estudiosos de ações e práticas racistas na seara de obras de caráter literário. Lima Barreto é pioneiro também em desvendar esses meandros por vezes obscuridos na literatura de faceta canônica. Este é o propósito deste texto-ensaio.

**Palavras-chave:** racismo, Lima Barreto, história e literatura, discurso religioso.

**Abstract:** The aim of this paper is to realize tinge of racism in the religious nature of speech, often little place visited by those who research the topic. The starting point is the tale “Sin”, written by Afonso Henriques Lima Barreto. Based on the short story theory and relations establishing the history and literature interface, seek catch the tale structure screen as the author Lima Barreto ironically draws

---

\* Doutor em Sociologia. Professor do Curso de Graduação de História e do Mestrado de História da Universidade Federal de Campina Grande. [jbenjamimmontenegro@hotmail.com](mailto:jbenjamimmontenegro@hotmail.com)

attention to the issue of racism within the religious discourse. Speech this somewhat neglected by scholars of actions and racist practices in the harvest of literary character works. Lima Barreto is also a pioneer in uncovering these intricacies sometimes obscured in canonical facet of literature. This is the purpose of this text-test.

**Keywords:** racism, Lima Barreto, history and literature, religious discourse.

### Introdução

A dor da gente/ é dor de menino acanhado/  
Menino-bezerro pisado/ no curral do mundo a penar/  
Que salta aos olhos/ igual a um gemido calado/  
A sombra do mal-assombrado/ é a dor de nem poder chorar/ Moinho de  
homens/ que nem girimuns amassados/ Mansos meninos domados/ massa  
de medos iguais/ Amassando a massa/ a mão que amassa a comida/ Escul-  
pe, modela e castiga/ a massa dos homens normais.  
(Raimundo Sodré - *A massa*)

“Pois tinha a cor do pecado, se é que o pecado tem cor”.  
(Adelino Moreira – *Vitrine*)

Lembro-me hoje das longínquas aulas de catecismo que recebi em criança, no bairro de José Pinheiro<sup>1</sup>, na Paróquia de São José, ministrado por catequistas dedicadas e fervorosas. Dentre os temas estudados um me chamava especial atenção: o que dizia respeito aos pecados. Fiquei muitas noites insone, matutando a respeito, com a “maturidade” que meus verdes anos permitiam. E o medo me assolava. Principalmente na parte onde afirmava que podemos pecar em ações e pensamentos. Hoje, adulto, quase em idade provectora, com os cabelos começando a encanecer, penso sobre essas imagens infantis, tomando como referência um conto de Lima Barreto intitulado “O pecado”<sup>2</sup>. Nossa turma teve algumas catequistas, mas uma em especial marcou minha memória. Era uma preta, com óculos de grossas lentes do tipo “fundo de garrafa”, com olhar compassivo de

---

<sup>1</sup> Um dos mais antigos e populares bairros da cidade de Campina Grande, estado da Paraíba.

<sup>2</sup> Conto escrito em 1915 e publicado postumamente na Revista *Souza Cruz*, Rio de Janeiro. Agosto, 1924.

matrona, mas, que fazia calar fundo nas nossas mentes a veemência de suas palavras, no anúncio da boa nova cristã, na sua capacidade narrativa de descrever as delícias do paraíso, para aqueles que o merecessem; da mesma forma que nos aterrorizava, com sua igual capacidade de construir imagens, falando sobre as abomináveis agruras que sofreriam as almas dos condenados ao fogo eterno do suplício – o inferno. Ainda me arrepio quando lembro.

As catequistas faziam seu trabalho sob a supervisão dos padres responsáveis pela paróquia. Mas isso eu só vim saber bem mais tarde. Lembro-me particularmente de dois padres, por serem figuras antípodas. Padre Antônio, figura atarracada, antipático, vestido à paisana, raramente de batina, calças folgadas e sustentadas por um indefectível suspensório, sempre dando broncas e muitas vezes, levando os moleques mais desaforados pelo braço e entregando-os às suas mães, não sem antes passar-lhes um verdadeiro sermão quanto à educação dos seus filhos. Padre Antônio implicava, sobretudo, com o jogo de bola-de-meia na frente ou no oitão da igreja. O outro era o padre João Batista. Figura mirrada. Descendente de holandeses. Brincalhão e sorridente. De miúdos olhos azuis e cara de feto. Lembra muito fisicamente Dom Helder Câmara. Dizia pra molecada que quando jovem tinha sido juvenil do clube Santa Cruz de Recife. Sempre que via uma turma jogando em frente ao átrio da igreja, levantava um pouco a batina, dava um chute na bola, participava rapidamente da brincadeira, e dizia com seu sotaque misturado, mas de forma afetiva: “vão brincar em algum terreno baldio, a porta da igreja não é lugar de jogar bola”... Creiam, os métodos do Padre João surtiam mais efeito. Hoje essas figuras são lampejos esmaecidos de minhas lembranças.

Talvez um provável leitor se pergunte qual a relação de uma coisa com outra, as aulas de catecismo e o conto de Lima Barreto, pedimos um pouco de paciência, pois é exatamente esse o desafio: estabelecer o liame entre esses instantes da minha vida, momentos vividos na infância-adolescência, e a fase adulta de historiador interessado nessas coisas de Literatura e História.

Fica claro, pois, que minha iniciação ao conhecimento religioso, por assim dizer, deu-se no universo judaico-cristão de matriz católica, como ocorria em boa parte das famílias brasileiras. Somente mais tarde é que tive contato com textos de

outros credos religiosos, mas a base foi indubitavelmente o catolicismo. Isto posto, para os fins a que se destina esse artigo, passo rapidamente a um breve histórico, num passeio em textos autorizados, à visão e o significado de pecado. Vejamos inicialmente esse fragmento:

### **1 A ideia de pecado em textos religiosos**

De acordo com a Igreja Católica, a repetição de pecados gera vícios, tidos como hábitos perversos “que obscurecem a consciência e inclinam ao mal. Os vícios podem estar ligados aos chamados sete pecados capitais: soberba, avareza, inveja, ira, luxúria, gula e preguiça” (SAVATER, 2006, p. 17). A Igreja ensina também que temos responsabilidade “nos pecados cometidos por outros, quando culpavelmente neles cooperamos”. Ainda segundo Savater, a Igreja Católica divide o pecado em três categorias:

. o pecado original, que é transmitido a todos os homens, sem culpa própria, devido à sua unidade de origem, que é Adão e Eva. Eles desobedeceram à Palavra de Deus no início do mundo, originando este pecado, que pode ser perdoado pelo sacramento do Batismo.

. o pecado mortal, que é cometido quando, ao mesmo tempo, há matéria grave, plena consciência e deliberado consentimento. Se não houver arrependimento, os pecados desta categoria leva o pecador à morte eterna do Inferno.

. o pecado venial, ao contrário do pecado mortal, este comete-se quando se trata de matéria leve, ou mesmo grave, mas sem pleno conhecimento ou sem total consentimento. Não quebra a aliança com Deus. Quem comete esse tipo de pecado e não se arrepende vai para o Purgatório.

Esses preceitos, em seguida coligidos e apresentados ao caro leitor, valem por um curso intensivo e extensivo para aqueles que desejam palmilhar a longa e estreita estrada que os conduzirá ao céu, desde que evidentemente os interessados não sejam pretos, pois como aprendemos, a porta é estreita e nem todos entram.

O céu morada de Jesus e seus anjos, é nossa morada também, mas teremos que entrar pela Porta – Jesus. A porta do céu é a porta mais maravilhosa da vida – é acolhedora, segura, única. Jesus ensinou: “Eu sou a porta. Se alguém entrar por mim, salvar-se-á e entrará, achará pastagens e terá vida e vida em abundância”. (João 10 : 9-10)

Contudo, é preciso porfiar, esforçarmo-nos para entrar, porque a porta para o céu é estreita, ao contrário da porta que conduz à morte e à perdição (Lucas 13: 22). Só entra uma pessoa de cada vez (a salvação é pessoal). Só entra aquele que n’Ele crer de todo o coração. A porta do céu, mediante a imensa graça de Deus, ainda está aberta, mas, quando vier a meia-noite dos tempos, será fechada, e, ninguém mais poderá entrar. Nem choros, nem petições, nem cunhas, abrirão a porta do céu. Então se dirá aos que estão de fora “não vos conheço... aqui não podeis entrar, não há mais lugar” (Mateus 25, 11-13)

Tornar-se cristão, é algo que se realiza desde os tempos dos apóstolos por um itinerário e uma iniciação que passa por várias etapas. Esse itinerário pode ser percorrido com rapidez ou lentamente. Deve sempre comportar alguns elementos essenciais: o anúncio da Palavra, o acolhimento do Evangelho acarretando uma conversão, a profissão de fé, o Batismo, a efusão do Espírito Santo, o acesso à Comunhão Eucarística.

Esta iniciação tem variado muito ao longo dos séculos e de acordo com as circunstâncias. Nos primeiros séculos da Igreja a iniciação cristã conheceu um grande desenvolvimento com um longo período de catecumenato e uma sequência de ritos preparatórios que balizavam liturgicamente a caminhada da preparação catecumenal e que desembocavam na celebração dos sacramentos da iniciação cristã.

Quando o batismo das crianças se tornou amplamente a forma habitual da celebração deste sacramento, esse passou a ser um único ato que integra, de maneira muito resumida, as etapas prévias à iniciação cristã. Por sua própria natureza, o Batismo das crianças exige um catecumenato pós-batismal. Não se trata somente da necessidade de uma instrução posterior ao Batismo, mas do desabrochar necessário da graça batismal no crescimento da pessoa. É o lugar próprio do catecismo.

O concílio Vaticano II restaurou, para a Igreja latina, “o catecumenato dos adultos, distribuído em várias etapas” (LELO, 2003, p. 32). Encontram-se tais ritos no *Ordo initiationis christianae adultorum* (ritual da iniciação cristã dos adultos). O Concílio por sua vez permitiu que, “além dos elementos de iniciação fornecidos pela tradição cristã”, fossem admitidos “em terras de missão estes outros elementos de iniciação cristã, cuja prática constatamos em cada povo, na medida em que possam ser adaptados ao rito cristão” (LELO, 2003, p. 35).

Hoje em dia, portanto, em todos os ritos latinos e orientais, a iniciação cristã dos adultos começa desde a entrada deles no catecumenato, para atingir seu ponto culminante em uma única celebração dos três sacramentos: Batismo, Confirmação e Eucaristia. Nos ritos orientais a iniciação cristã das crianças começa no Batismo, seguido imediatamente pela Confirmação e pela Eucaristia, ao passo que no rito romano ela prossegue durante os anos de catequese, para terminar mais tarde com a Confirmação e a Eucaristia, ápice de sua iniciação cristã. (<http://catecismo-az.tripod.com/>)

Os trechos em tela revelam de forma peremptória que ser cristão obedece a um denso ritual, que se compõe de várias etapas todas interligadas num corpo inteiriço, de acordo com os preceitos observados em vários documentos emitidos pelas instâncias da Igreja Católica.

O catecismo para crianças parece estar para a formação de “cristão”, como o escoterismo está na formação de uma mentalidade militarista do mundo. Os valores cristãos são incutidos desde a mais tenra idade nas crianças, por vários instrumentos e o catecismo tem, entre eles, papel preponderante conforme essas passagens grifadas.

## **2 O pecado também tira o sono de historiadores**

No campo da história *stricto sensu*, o tema da morte e seus correlatos, rituais fúnebres, imaginário sobre o pós-morte, luto etc., vem, desde algum tempo, pelo menos nos últimos trinta anos, na chamada “novas tendências historiográficas”, mobilizando o interesse de pesquisas de renomados historiadores, aqui e alhures.

Destacaremos rapidamente os que consideramos expoentes nos estudos dessas temáticas, sobretudo nos temas relacionados ao pecado e ao medo da morte no

imaginário judaico-cristão. São eles: Jacques Le Goff, Jean Delameau e Michel Vovelle.

Citaremos fragmentos de suas obras, uma vez que não é o interesse maior nesse instante, uma incursão mais aprofundada, para os objetivos desse ensaio.

Vamos às passagens:

Para os cristãos não inteiramente os bons - a grande maioria, impôs uma purificação necessária, que São Paulo havia prescrito pelo fogo. Faltava definir o local, a forma e a duração. Do mesmo modo, durante os vários séculos que viveram na idéia de que o fim dos tempos estava próximo, havia a interrogação quanto a condição intermediária dos eleitos; um sono, gerium, enquanto alguns falam do “Seio de Abraão” esta dobra do manto do patriarca onde as almas estão a espera. (VOVELLE, 2010, p. 26)

Ou esse trecho:

O Canon XXI do IV concílio de Latrão provocou um espetacular desenvolvimento da literatura relativa ao pecado. Imagina-se com efeito que os vigários de paróquia – Logo respaldados por religiosos das ordens mendicantes – foram tomados de verdadeiro pânico ante a perspectiva de ter de interrogar e julgar regularmente suas ovelhas no tribunal da penitência. Eles precisavam de livros pra esclarecê-los e guiá-los nessa pesada tarefa. Por outro lado, procurando lutar contra a rotina da confissão anual os mais zelosos homens da igreja e os mais preocupados em cristianizar as massas, procederam a uma culpabilização intensiva da opinião, insistindo sem descanso - e durante séculos sobre as diferentes categorias de faltas e a gravidade ontológica do pecado. (DELUMEAU, 2005, p. 375)

E por fim, um pouco de Le Goff, sobre a invenção do purgatório.

O Purgatório, como lembra Le Goff (2007), se instala na crença da cristandade ocidental entre 1150 e 1250. O Purgatório é um além intermediário, onde certos mortos passam por uma provação que pode ser abreviada pelos sufrágios – a ajuda espiritual dos vivos.

A existência do Purgatório implica na crença da imortalidade da alma e na ressurreição, ou seja, no fato de que algo de novo podia acontecer entre a morte do indivíduo e a sua ressurreição. Baseia-se também na existência de um julgamento

dos mortos e na responsabilidade que cada um tem na sua própria salvação ou condenação. Além disso, ainda está relacionado às transformações ocorridas entre os séculos XII e XIII.

No século XII já se falava em “penas purgatórias”, no sentido de limpeza espiritual e aprimoramento religioso em direção à ressurreição, ou como resgate de penas e pecados por meio de sofrimentos físicos. Assim, apesar do lugar da purgação permanecer incerto, já existiam ideias que influenciariam a concepção de purgatório. Como afirma Le Goff (2007), “as visões dos mortos, se por um lado comprovaram a existência de penas e castigos e o valor das intercessões dos vivos em favor dos mortos, por outro não precisavam um espaço e uma cartografia<sup>3</sup>” (*apud* ROCHA NETO).

### 3 A balança dos Pecados

Em se tratando de um conto minimalista, preferimos apresentá-lo na íntegra conforme exposto em seguida. Aqui peço permissão aos leitores, pois abro uma bifurcação no artigo, entrando finalmente na análise do conto barretiano, que é afinal o objeto maior da nossa reflexão. Voltemos, portanto, à atenção para o texto procurando auscultá-lo, com mais cuidado, tal qual ele se nos apresenta.

O Pecado,

Quando naquele dia São Pedro despertou, despertou risonho e de bom humor. E, terminados os cuidados higiênicos da manhã, ele se foi à competente repartição celestial buscar ordens do Supremo e saber que almas chegariam na próxima leva.

Em uma mesa longa, larga e baixa, em grande livro aberto se estendia e debruçado sobre ele, todo entregue ao serviço, um guarda-livros punha em dia a escrituração das almas, de acordo com as mortes que Anjos mensageiros e noticiosos traziam de toda extensão da terra. Da pena do encarregado celeste escorriam grossas letras, e de quando em quando ele mudava a caneta para melhor talhar um outro caráter caligráfico.

Assim páginas ia ele enchendo, enfeitadas, iluminadas em os mais preciosos tipos de letras. Havia no emprego de cada um deles, uma certa razão de

---

<sup>3</sup> <http://www.consciencia.org/o-entre-lugar-a-representacao-do-purgatorio-na-baixa-idade-media>

ser e entre si guardavam tão feliz disposição que encantava o ver uma página escrita do livro. O nome era escrito em bastardo, letra forte e larga; a filiação em gótico, tinha um ar religioso, antigo, as faltas, em bastardo e as qualidades em ronde arabescado.

Ao entrar São Pedro, o escriturário do Eterno, voltou-se, saudou-o e, à reclamação da lista d'almas pelo Santo, ele respondeu com algum enfado (enfado do ofício) que viesse à tarde buscá-la.

Aí pela tardinha, ao findar a escrita, o funcionário celeste (um velho jesuíta encanecido no tráfico de açúcar da América do Sul) tirava uma lista explicativa e entregava a São Pedro a fim de se preparar convenientemente para receber os ex-vivos no dia seguinte.

Dessa vez ao contrário de todo o sempre, São Pedro, antes de sair, leu de antemão a lista; e essa sua leitura foi útil, pois que se a não fizesse talvez, dali em diante, para o resto das idades – quem sabe? – o Céu ficasse de todo estragado. Leu São Pedro a relação: havia muitas almas, muitas mesmo, delas todas, à vista das explicações apensas, uma lhe assanhou o espanto e a estranheza. Leu novamente. Vinha assim: P. L. C., filho de..., neto de..., bisneto de... – Carregador, quarenta e oito anos. Casado. Casto. Honesto. Caridoso. Pobre de espírito. Ignaro. Bom como São Francisco de Assis. Virtuoso como São Bernardo e meigo como o próprio Cristo. É um justo. Deveras, pensou o Santo Porteiro, é uma alma excepcional; como tão extraordinárias qualidades bem merecia assentar-se à direita do Eterno e lá ficar, per *saecula saeculorum*, gozando a glória perene de quem foi tantas vezes Santo...

— E porque não ia ? deu-lhe vontade de perguntar ao seráfico burocrata.

— Não sei, retrucou-lhe este. Você sabe, acrescentou, sou mandado...

— Veja bem nos assentamentos. Não vá ter você se enganado. Procure, retrucou por sua vez o velho pescador canonizado.

Acompanhado de dolorosos rangidos da mesa, o guarda-livros foi folheando o enorme Registro, até encontrar a página própria, onde com certo esforço achou a linha adequada e com o dedo afinal apontou o assentamento e leu alto:

— Esquecia-me... Houve engano. É! Foi bom você falar. Essa alma é a de um negro. Vai para o purgatório.

(BARRETO, 1924)

Uma rápida incursão nos campos do simbolismo religioso certamente nos auxiliará na compreensão do conto em discussão, mormente no tocante ao uso da balança como símbolo de justiça também no território do mundo espiritual.

Balança de Deus: Utensílio de origem caldeia, símbolo místico da justiça, quer dizer, da equivalência e equação entre o castigo e a culpa (CIRLOT, 1984, p. 112); não é apenas um signo zodiacal, mas em geral o símbolo da justiça e do comportamento correto, da medida, do equilíbrio; em muitas culturas, representa a imagem da jurisdição, da justiça terrena, da “*Iustitia*” com os olhos vendados,

que não se deixa influenciar durante a avaliação da culpa.

Também no além, segundo a doutrina ética de muitas religiões, no que se refere à remissão dos pecados, ocorre um julgamento que decide sobre o peso das boas e das más ações realizadas na terra; assim como, por exemplo, o julgamento dos mortos dos antigos egípcios, no qual o deus Osíris, na presença de Maat, a deusa da justiça, pesa o coração do morto e decide sobre seu destino ultraterreno. O ato de pesar as ações terrenas encontra-se presente também nos julgamentos do além dos antigos persas e dos tibetanos.

Na Grécia, com a balança Zeus inflige ao homem seu destino. No cristianismo a balança é símbolo e atributo eminente do juiz universal no fim dos tempos; ele decide, com a balança na mão, se aquele que se encontra defronte à cadeira do juiz divino deve ser designado ao paraíso do céu ou aos tormentos eternos do inferno (BIEDERMANN, 1994, p. 49).

Segundo o seu principal biógrafo, Francisco de Assis Barbosa, Lima Barreto era um leitor voraz e entre suas leituras prediletas estava a bíblia e sua exegese. O que nos permite inferir que ele utilizou-a bastante na construção de seus personagens e no seu universo literário, vide o exemplo de *Recordações do escrívão Isaias caminha*, seu primeiro livro, portanto o conhecimento do simbolismo bíblico revelado no conto em discussão, tem origem nesses seus acurados estudos.

Claro está que Lima não lia a bíblia como um crente ou por mero diletantismo, mas como um intelectual maduro dotado de uma postura hermenêutica bastante crítica. No conto, o céu é muitas vezes imaginado como uma modorrenta e empoeirada repartição pública – cartorial: “Quando naquele dia São Pedro despertou, despertou risonho e de bom humor. E terminados os cuidados higiênicos da manhã, ele se foi à competente repartição celestial buscar ordens do supremo e saber que almas chegariam na próxima leva” (BARRETO, 202, p. 108).

No trecho seguinte:

Em uma mesa longa, larga e baixa, um grande livro aberto se estendia e debruçado sobre ele, todo entregue ao serviço, um guarda- livros punha em dia a escrituração das almas, de acordo com as mortes que Anjos mensagei-

ros e noticiosos traziam de toda a extensão da terra. Da pena do encarregado celeste escorriam grossas letras, e de quando em quando ele mudava a caneta para melhor talhar um outro caráter caligráfico.

Não fora a diligência e o zelo da burocracia celeste, o céu teria sido irremediavelmente maculado como nos diz o narrador do conto: “dessa vez, ao contrário de todo o sempre, São Pedro, antes de sair, leu de antemão a lista; e essa sua leitura foi útil, pois que se não fizesse, dali em diante para o resto das idades – quem sabe? O céu ficasse todo estragado” (BARRETO, 2002, p. 108-109).

Isso não ocorreu graças à vigilância do Santo Porteiro e seus coadjuvantes, erro irreparável a entrada da alma de um negro no céu.

Não faremos, todavia, uma análise pormenorizada do conto, apenas ressaltamos o que achamos de mais relevante para a sua compreensão, o mais deixamos na conta dos nossos argutos leitores, pois como nos lembra um certo estudioso da “estética da recepção”: um texto depende do seu contexto de recepção e da argúcia de seus leitores.

Lima Barreto parece nesse conto (O pecado) desafiar de forma *avant la lettre*, os teóricos que estudam o conto enquanto gênero literário, sejam eles “clássicos” ou contemporâneos, que vislumbram, sempre, uma historia encaixada na outra, a exemplo do que faz Ricardo Piglia (2004). O conto “O pecado” parece nos ensinar de maneira categórica que o racismo está assim na terra como no céu. Sua força é quase ubíqua. O narrador do referido conto nos conduz a questionamentos incontornáveis. A rigor não há pecado, nem venial nem capital. O céu, como tribunal, aliás, diga-se de passagem, figura recorrente no imaginário judaico-cristão, é criticado pelo autor. É o julgamento que é pecaminoso e tendencioso. Trata-se da alma de um “justo”, que é vilipendiado pelos julgadores do tribunal celestial.

Exemplarmente Lima Barreto, ele mesmo alvo do racismo, investe num texto que vai do ficcional para o real no afã de denunciar o ranço racista numa instituição (Igreja) que mais do que outras consegue à primeira vista esconder o seu preconceito. O autor, como sabemos, foi um incansável crítico do preconceito racial, e fez de sua escrita uma trincheira de combate, haja vista romances como: *Clara*

*dos Anjos, Recordações do escrívão Isaias Caminha, e em contos como: O moleque, Dentes negros cabelos azuis, dentre outros de sua rica coletânea.*

Mas é nesse conto específico, “O pecado”, pelo menos à luz de minha opinião que Lima assesta um golpe contra essa milenar instituição (Igreja). Deixo-vos como matéria de reflexão o desfecho do conto que a mim muito emociona toda vez que o leio.

Sartre em outro contexto dizia: “o inferno são outros”, eu acrescentaria e o purgatório também. Isso tanto lá (céu) como cá (terra), parece continuar valendo.

Antes das nossas considerações finais, bebamos o pouco mais do renomado historiador medievalista sobre, essa esconsa geografia de um lugar chamado purgatório.

Os que morrem carregados apenas com pecados veniais passarão um tempo mais ou menos longo de expiação num lugar novo, o Purgatório, que irão deixar depois de purificados, purgados, em troca da vida eterna, do Paraíso, o mais tardar no momento do Juízo Final. (LE GOFF, 1995, p. 12)

O autor afirma ainda que,

No século XIII o Purgatório modificou a atitude dos cristãos perante os últimos momentos da vida. O Purgatório dramatizou essa última parte da existência terrena, carregando-a de intensidade misturada de temor e de esperança. O essencial, a escolha do Inferno ou Paraíso, visto que o Purgatório era a antecâmara certa do Paraíso, podia ainda jogar-se no minuto derradeiro. Os últimos instantes eram também os da última oportunidade. (LE GOFF, 1995, p. 426-427)

Caminhando para fechar o texto, permitam-me rapidamente um passeio pela hagiografia de São Benedito, e Santo não tem biografia, e sim hagiografia.

#### **4 São Benedito existe? Em que lugar ele está?**

São Benedito não é apenas o patrono das cozinheiras e das donas de casa. Ele é um verdadeiro santo, alguém que viveu o Evangelho, um modelo de homem livre. Embora analfabeto, ignorante e filho de escravos, sobressaiu a todos. Aconselhou

sabiamente doutores, políticos e autoridades do seu tempo. Até sábios e poderosos iam consultá-lo e pedir suas orações, sua intercessão poderosa junto de Deus. Depois de morto, continua até hoje sendo venerado e invocado. Sua ciência e sabedoria, dons do Espírito Santo, impressionaram a todos.

No Brasil colônia, ele não surgiu apenas como ideal, como estandarte de esperança, para o escravo perseguido e maltratado, mas transformou de maneira profunda a situação do negro da época. Hoje em dia, ele continua sendo uma espécie de canção libertadora, para encorajar a todos os que estão sendo esmagados, sob qualquer tipo de opressão e de jugo, para todos os que anseiam ver os seus valores pessoais reconhecidos e querem dignidade e oportunidades, para si e seus filhos. E assim testemunhar ao mundo, por eles mesmos, e por todos os seus antepassados sem voz e sem vez, do que é capaz alguém que não teve e não tem outra madrinha senão a própria inteligência, esforço e infinita sede de Deus.

Benedito é a prova e o aval de que isso é possível. Ele deve ser descoberto e colocado como modelo, como meta de libertação, para o oprimido, para o aprisionado pelas grades do mundo. Embora manso, humilde para com todos, foi sóbrio para consigo mesmo, para conquistar o reino de que falaram Isaías e outros profetas e depois Jesus Cristo. Quando as circunstâncias o exigiam, ele também sabia mostrar-se sóbrio para com os outros, sem nunca abandonar seu equilíbrio, e a comunhão com Deus.

### **Considerações Finais**

Acho que agora posso encerrar esse ensaio juntando as duas pontas, o começo do texto, as aulas de catecismo na distante infância, ministrada por uma certa senhora gorda e negra, lembram? Que aqui chamarei pelo codinome de Severina, permito-me parafrasear o poeta Manuel Bandeira, “Severina preta, Severina boa, Severina sempre de bom humor, imagino Severina entrando no céu: - Licença meu Branco! E São Pedro bonachão: - Entra Severina. Você não precisa pedir licença”.

Pois o humor quase inabalável de Severina às vezes era perturbado por uma pergunta mais impertinente de um dos meninos da turma de catecismo, que insis-

tia em perguntar: “ – São Benedito existe?”. Perguntava, talvez, estimulado por algum adulto incrédulo da sua família, e até hoje esse “menino” é cético quanto à existência do santo, embora as hagiografias a registrem. Quando perguntada Severina ou se lançava num silêncio sepulcral ou revelando incontida indignação respondia: vá perguntar ao Padre Antônio.

O atrevido perguntador certamente não queria correr o risco de levar puxões de orelhas, prática na qual o padre era exímio, e voltava para sua carteira e se calava. Passado todo esse tempo, acho que entendo os silêncios de Severina.

Nunca mais soube dessa meiga criatura que encasquetou na minha cabeça de criança imagens beatíficas de um lugar de bondades, mas, também de um inferno dantesco, que ficaram marcadas de forma indelével na minha memória. Ressalto que lembro das retóricas aulas sobre o purgatório, infelizmente nas muitas mudanças perdi a cartilha de catecismo aonde estudei esses rudimentos de cristianismo, só lembro que era da editora Agir, quanto a Severina, rogo que Deus a tenha!

Quanto à existência do santo mouro, por mais que a hagiografia nos conte sua história, testemunho em favor desse “menino” curioso, pois estou com essa idade e nunca vi o tal santo em nicho ou retábulo de nenhuma Igreja.

Afinal Lima Barreto nos mostra nesse conto que o racismo existe e que em disfarces hediondos, vive escondido sob várias máscaras. O preconceito racial contra o negro assemelha-se a uma hidra de muitas cabeças, com um animal de sete fôlegos. É preciso dentro da concepção de literatura militante do escritor carioca, denunciá-lo em todas as instâncias onde ele se instalar, seja de forma explícita ou de forma absconsa, como é o caso retratado no conto.

O racismo parece nos espreitar em todos os lugares, nas relações interpessoais, nos discursos, no trabalho, na escola e também no imaginário, nos textos laicos e religiosos, nas instituições civis e militares, nos lugares menos prováveis, nos púlpitos carcomidos, nos altares recendendo a mofo ou naftalina. Nos oprimindo ou como diria um certo poeta, nos emparedando em qualquer geografia. O conto “O pecado” é um grito e um libelo contra essa infâmia chamada racismo. Tenho dito.

## Referências

- BARRETO, Lima. *Os melhores Contos*. São Paulo, Martin Claret, 2002.
- BIEDERMANN, Hans. *Dicionário ilustrado de símbolos com mais de 700 ilustrações*. São Paulo: melhoramentos, 1994.
- CIRLOT, Juan Eduardo. *Dicionário de símbolos*. Moraes, 1984.
- CORTAZAR, Julio. Alguns aspectos do conto, in: *Valise de Cronópio*. São Paulo: Perspectiva. 1974.
- DELUMEAU, Jean. *O Pecado e o medo: a culpabilização no ocidente ( séculos xiii – xviii )*. 2 volumes, Bauru: Edusc, 2003.
- GAMUS, Ludovico. *Bíblia sagrada*. Editora Vozes. RJ, 2010.
- LE GOFF, Jacques. *A Bolsa e a vida: economia e religião na Idade Média*. São Paulo : editora Brasiliense, 2007.
- \_\_\_\_\_. *O nascimento do Purgatório*. Lisboa: Estampa, 1995.
- LELO, Antonio Francisco. *Dinamismo Sacramental e Aplicação do Ordo Iniationis Chistianae Adultorum no Brasil*: São Paulo- SP: Editora Salesiana, 2003.
- PIGLIA, Ricardo. *Formas Breves*. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- SAVATER, Fernando. *Os Sete pecados Capitais*. Rio de Janeiro – RJ: Ediouro, 2006.
- VOVELLE, Michel. *As almas do purgatório ou o trabalho de luto*. São Paulo: Editora Unesp. 2010.
- <http://www.vivendopelapalavra.com/catecismo/99-o-que-e-o-pecado.html> (acesso em julho de 2013).

